

## A Pesca na Pólis Ateniense no Período Clássico.

---

*André Leonardo Chevitaress*

### **Résumé:**

*La pêche a été complètement ignorée dans les recherches sur la Grèce ancienne. Cette question peut être associée, en grande partie, au nombre excessivement réduit de renseignements relatifs à cet objet. Nous analysons signifié de la pêche dans l'Athènes classique d'une part en utilisant les données disponibles dans les textes anciens et, d'autre part, les renseignements obtenus dans les vases attiques des figures rouges.*

As pesquisas relativas ao espaço rural (χώρα) grego têm aumentado significativamente nas duas últimas décadas. Elas têm proporcionado o descortinamento daquela parte da pólis, onde o grosso da população se localizava, onde a maioria do corpo cívico vivia e trabalhava. Estes estudos estão conseguindo superar os próprios limites impostos pelos textos antigos. As principais limitações colocadas por esta documentação são o silêncio e a parcialidade das informações referentes à χώρα antiga. Como forma de tentar superar estes dois obstáculos, os pesquisadores têm se voltado, cada vez mais, para estudos que contemplam a transdisciplinaridade, integrando nas suas análises as perspectivas arqueológicas, antropológicas, geográficas e históricas. Estes esforços têm garantido a superação dos limites impostos pela documentação textual e garantido o desenvolvimento de pesquisas exclusivamente voltadas ao espaço rural antigo grego.<sup>1</sup>

É a partir da perspectiva apontada acima que o tema da pesca será introduzido. Ele faz parte de um estudo bem mais amplo que está sendo desenvolvido, a nível de doutorado, na USP, cujo título da pesquisa é ARQUEOLOGIA, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA RURAL DA ÁTICA NO PERÍODO CLÁSSICO, com a orientação da Prof. Dra. Haiganuch Sarian.

A atividade da pesca está localizada no espaço rural.<sup>2</sup> Há três importantes argumentos respaldando esta afirmação. De imediato, a pólis ateniense é quase toda banhada pelo mar, possuindo, além de uma boa costa

litorânea, onde a pesca poderia ser praticada, uma grande variedade de peixes e frutos do mar. Sobre este aspecto, deve ser ressaltado os pratos de cerâmica grega de figuras vermelhas decorados com temas marinhos. Alguns deles foram produzidos em Atenas, sendo datados do início do quarto século, e fazem parte do repertório da cerâmica ática de figuras vermelhas.<sup>3</sup> É possível identificar alguns dos peixes representados nestes pratos, são eles: sargos, polvo, lula e sibas.

O segundo argumento relaciona o produto da pesca como um importante suplemento alimentar dos atenienses, principalmente dos camponeses áticos. Isto não significa dizer, contudo, que o peixe faça parte apenas da dieta dos atenienses em épocas de carestia ou de fome. Ele pode ser pensado como parte integrante da alimentação diária do ateniense. Quando se verifica um brusco aumento no seu consumo, no entanto, tal fenômeno pode ser decorrência direta de um possível período de crise alimentar.<sup>4</sup>

Deve ser observado, por outro lado, que a migração de peixes pelágios, como por exemplo, a cavala e o atum, pode variar consideravelmente de ano para ano e, dada a baixa tecnologia disponível para os pescadores antigos, era bem provável que suas expedições para águas salgadas profundas redundasse em fracassos. Tem sido observado, recentemente, que o desenvolvimento de concentrações relativamente grandes de população ofereceria mercados lucrativos sempre que o acaso providenciasse uma boa quantidade de peixes.<sup>5</sup> Sobre este aspecto, há um interessante exemplo advindo da comédia aristofânica. Trata-se de uma passagem contida em *Os Cavaleiros*, a qual dois oradores estão disputando a função de líder do *dêmos*. Um deles, denominado Salsicheiro (*ἄλλαντοπώλης*) anuncia a um terceiro personagem, de nome Dêmos (*Δῆμος*), uma boa notícia:

“Ó Conselho, eu trago uma boa nova, a qual eu quero ser o primeiro a vos anunciar: desde que entre nós estalou a guerra, ainda não tinha visto sardinhas (*ἄφύσας*) tão baratas”. Foi instantâneo: as expressões serenaram. Queriam coroar-me pela boa notícia. Então eu lhes aconselhei, pedindo-lhes que mantivessem isto em segredo: se queriam arranjar uma boa quantidade de sardinha por um óbolo apenas, que se despachassem a açambarcar as tigelas aos fabricantes.”<sup>6</sup>

Apesar do tom irônico que a passagem sugere, observa-se três importantes questões: de imediato, a primeira fase da guerra do Peloponeso, denominada de guerra de Arquidamos, embora não impondo perdas tão pesadas a Atenas, apresenta algumas restrições ou dificuldades na aquisi-

ção de diferentes produtos, entre os quais o peixe, implicando, com isto, um aumento no preço final destes produtos. A segunda questão que emerge, refere-se à *pólis* ateniense. Trata-se de uma grande cidade-Estado, concentrando uma população significativa. Xenofonte, utilizando-se das ‘palavras’ de Crítias em seu discurso de acusação contra Terâmenes, chega mesmo a concordar que Atenas possui a maior população de toda a Hélade.<sup>7</sup> Esta *pólis* ofereceria, neste sentido, um lucrativo mercado para os produtos da pesca, sempre que o acaso permitisse obter grandes quantidades de peixes. Por fim, a referida passagem, ao deixar transparecer o grande interesse de todos na obtenção da sardinha, utiliza o verbo *sullabein* (συλλαμβάνω), que apresenta, entre outros sentidos, a idéia de tomar alguma coisa consigo, impedindo que outras pessoas venham participar dela. Συλλαμβάνω comporta, portanto, a idéia de açambarcamento, de monopólio. É justamente neste contexto que deve ser compreendido o conselho proposto pelo Salsicheiro, quando ele propõe aos conselheiros que açambarcassem todas as tigelas usadas no transporte de peixe, forçando assim uma redução no preço da sardinha.

A comédia aristofânica, por caracterizar situações do cotidiano, contém um bom número de referências sobre algumas das espécies de peixes saboreadas pelos atenienses: sardinhas, um tipo menor de sardinha, enguias, lula, cavala e diferentes tipos de peixes em conserva. Por fim, a própria Arqueologia confirma, que as conchas e mariscos são comumente encontrados nos sítios de habitações da Grécia antiga.<sup>8</sup>

Os textos antigos deixam transparecer pouquíssimas informações sobre os pescadores. Apesar de serem vistos como profissionais<sup>9</sup>, eles tinham um *status* muito baixo na sociedade ateniense. A sua condição social não é possível de ser estabelecida. Platão chega a recomendar aos amigos:

“[...] que jamais sintam desejo ou anseio pela caça marinha, ou pesca com anzol, ou mesmo pela perseguição aos animais marinhos, já que, estando dormindo ou acordado, as cestas usadas como armadilhas (κύρτος) caçarão por vocês.”<sup>10</sup>

A recomendação feita acima deve ser analisada no seguinte contexto: para o referido filósofo, de imediato, a pesca faz parte do universo da caça. Não deixa de ser curioso o fato de Xenofonte, contemporâneo de Platão, no seu tratado específico sobre a caça, não mencionar sequer a pesca como parte integrante deste universo. Platão, no entanto, partindo deste pressuposto, admite dois possíveis comportamentos: aquele em que existe o enfrentamento e o risco, calculado ou não, entre o homem e o

animal, no qual, o primeiro deve sair vencedor. Ele reconhece, neste caso, a prevalência da cultura sobre a natureza, onde o caçador deve mostrar superioridade diante da caça. Este comportamento faz com que o referido filósofo estabeleça um elogio ao tipo de caça que envolve quadrúpedes, caçados a cavalo, com ajuda de cachorros e com o esforço do próprio corpo (do caçador). Assim sendo, todas as presas, bem alcançadas na corrida, bem golpeadas, de perto ou de longe, não são capturadas senão pelas próprias mãos do caçador.<sup>11</sup> O segundo comportamento seria aquele em que o caçador lança mão de armadilhas para sair vitorioso na caça, como é o caso, por exemplo, do aprisionamento de aves e a pesca. Como o caçador não se expõe ao perigo, como não precisa demonstrar a sua *andréia* (ἀνδρεία)<sup>12</sup>, já que ele irá lançar mão de armadilhas, Platão recomenda aos seus amigos que se afastem deste tipo de prática, ela mesma pouco digna do cidadão rico (καλός κ'ἀγαθός). É exatamente, neste sentido, que a passagem citada mais acima deve ser compreendida.

As imagens advindas dos vasos áticos de figuras vermelhas compreendem um outro importante conjunto de documentação capaz de oferecer informações e detalhes muito interessantes. Quando analisadas, no seu todo, elas ajudam a caracterizar a prática da pesca, bem como o próprio pescador.

Deve ser observado, no entanto, alguns importantes problemas que irão perpassar toda a discussão envolvendo este tipo de documentação. De imediato, possuímos um número extremamente baixo de representações: há apenas sete vasos, com um total de oito representações. Além disto, todas estão situadas no final do arcaísmo (525 - 475 a.C.). O número irrisório de imagens e as datas em que elas foram compostas podem sugerir uma questão de ordem ideológica, qual seja: verifica-se uma tentativa de encobrimento ou ocultação daquelas situações consideradas de pouca significação ou relevância para representar o conjunto de cidadãos, logo, a própria *pólis* ateniense.

A questão levantada acima pode ser ainda mais ampliada. Dos nove temas rurais que nós identificamos na cerâmica ática de figuras vermelhas — cenas de caça, colheita de frutas, cenas pastoris, apisoamento das uvas, pesca, hoplitas no espaço rural, cruzamento e caracterização de animais de tiro, camponeses áticos e mulheres retirando água de poços — contabilizamos cinqüenta e cinco vasos, com um total de sessenta e cinco cenas. Cerca de 80% destes vasos estão situados entre 525 - 450 a. C., enquanto que o restante (20%) cobre a segunda metade do quinto e todo o quarto séculos. O que poderia explicar esta vertiginosa diminuição ou falta de

interesse no já baixíssimo número de temas rurais na cerâmica ática de figuras vermelhas, a partir da segunda metade do quinto século em diante? Da mesma forma que os autores dos textos antigos gregos estavam localizados no espaço urbano (ἄστυ), as oficinas e os pintores de vasos estavam também situados na cidade. Toda a representação feita do espaço rural, tanto pelos autores, quanto pelos pintores, foi feita sob o ponto de vista de indivíduos localizados na ἄστυ e não na χώρα.<sup>13</sup> Há uma forte tendência em idealizar aquele espaço além das muralhas, projetando, muitas vezes, situações que a própria Ática não comporta. Este é o caso de um número significativo de cenas de caça envolvendo, por exemplo, ataques de panteras a cervos e representações de leões. A fauna ática não comportava estes animais! Observa-se, também, representações com um único indivíduo, portando apenas uma lança, caçando um animal tão feroz quanto o javali. Certamente que estas cenas vão muito além das próprias representações que elas comportam, podendo estabelecer paralelos entre a virilidade do caçador com a força da pantera e do leão. Esta mesma ἀνδρεία estaria presente no momento em que este caçador se faz representar sozinho enfrentando uma fera, como é o caso do javali. Tais situações projetam valores que pertencem ao universo da *pólis*, por um lado, e de classe, por outro. Sobre o primeiro aspecto, Alain Schnapp observou corretamente que

“[...] a caça é um dos fundamentos da vida em sociedade, uma prática que permite distinguir homens dos animais e ainda gregos dos bárbaros e cidadãos e escravos.”<sup>14</sup>

Com relação ao segundo aspecto, verifica-se, a partir do tratado *A Caça* (Κυνηγετικός) de Xenofonte, que esta atividade pertence ao universo do καλός κ'ἀγαθός, logo, do aristocrata, do cidadão que ocupa uma função e um *status* diferenciados na sociedade ateniense.

O fato de a imensa maioria das cenas relativas ao espaço rural, em termos gerais, e da pesca, de maneira específica, estar situada entre o final do arcaísmo e a primeira metade do quinto século pode caracterizar um momento em que Atenas ainda não havia se tornado uma *pólis* hegemônica no mundo grego, onde ela continua a depender imensamente da sua produção agrícola interna. A significativa diminuição das imagens envolvendo as atividades desenvolvidas na χώρα a partir da segunda metade do quinto século, em diante, pode ser uma das respostas sociais do novo papel que Atenas passa ocupar na política externa, sendo responsável pelo controle das rotas comerciais, pela construção de grandes obras públicas

na ἄστυ, pela organização de uma forte marinha e pela sistematização mais racional das minas de prata do Láurion, resultando uma grande soma de recursos para toda a comunidade. A ideologia dominante em Atenas, principalmente, a partir de 450 a.C., é aquela vinculada com o lazer, onde o cidadão (πολίτης) deve se voltar para todas aquelas atividades consideradas nobres, tais como a política, a filosofia, a oratória, a retórica e o banquete. Atividades que comprometem o lazer do cidadão, que o obrigam a ter que trabalhar com as mãos para sobreviver, como por exemplo as atividades agrícolas, apesar de fazerem parte da vida cotidiana da maioria do corpo cívico, devem ser colocadas nas margens, pois são consideradas como pouco dignas do verdadeiro cidadão. A generalização da ideologia do lazer em Atenas é responsável direta pelo número extremamente irrisório de cenas que retratam a χώρα ática, bem como pela sua significativa diminuição a partir da segunda metade do quinto século.

Como foi observado mais acima, há sete vasos utilizados como suporte para cenas de pesca.<sup>15</sup> Devido ao problema de espaço, limitaremos a nossa descrição a somente um deles. Incorporaremos na nossa análise, no entanto, todos os dados obtidos das demais leituras dos outros seis vasos.

Pelike ática, figuras vermelhas. Viena, Kunsthistorisches Museum. Inv. 3727. Prov. Caere. Pintor: The Pan Painter. Data: final do Arcaísmo.

*Bibliografia:* BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 555, 88; BOARDMAN, J. *ARFV-AP* (1991) 193, Fig. 344; ROBERTSON, M. *AVPCA* (1992) 145, Fig. 150; FURTWÄNGLER, A. e REICHHOLD, K. *GVASEN* (1909) 293, Abb. 101; MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, Fig. 5B; *CVÁ*. Wien, Kunsthistorisches Museum, band 2. Osterreich, band 2 (1959) tafel 76, fig. 1 e 3.

#### *Descrição:*

*Lado A.* Um homem barbudo, gorro de pele na cabeça, completamente envolto em um manto, está de cócoras sobre uma pedra. Ele está segurando com a mão direita uma vara de pesca e com a mão esquerda ele segura um cesto. Há um peixe preso na linha da vara, enquanto que outros dois peixes colocam suas cabeças para fora da água para serem pescados. À esquerda, em pé, corpo ligeiramente inclinado para frente, gorro de pele na cabeça, manto curto suspenso no ombro esquerdo, um jovem segura com a mão esquerda uma vara apoiada no ombro esquerdo, com uma cesta presa na extremidade. Com o seu braço direito levemente estendido, aguarda o resultado da pescaria do seu companheiro.

*Lado B.* O mesmo jovem que aguardava o resultado da pescaria de seu companheiro, está virado para a direita, trazendo no ombro esquerdo uma vara com uma cesta presa em cada extremidade. Atrás dele está uma herma itifálica.

#### IMAGENS

(A)



(B)



Tomando por base os dados obtidos das duas cenas descritas acima e incorporando as informações referentes aos outros seis vasos é possível identificar os elementos que caracterizam a escolha dos pintores para representarem a prática social da pesca, como também o próprio pescador. Verifica-se, nas imagens acima, a presença de um tipo de cesto usado para o transporte do peixe e a existência de uma vara que o pescador apoia no ombro e que serve para transportar os cestos presos em suas extremidades.<sup>16</sup> Os dados topográficos indicam também um componente básico neste tipo de representação. Nas cenas descritas acima, observa-se a presença de uma pedra, sobre a qual o pescador está de cócoras, de uma lagoa, um rio ou uma costa litorânea, os quais não são visíveis, porém se fazem representar pela presença dos peixes e de uma herma itifálica, protetora dos caminhos, localizada nas esquinas das ruas dos dêmoi rurais ou urbanos e

de Atenas. Os dois primeiros elementos sinalizam para uma ambientação exterior à ἄστυ, enquanto que o terceiro dado sugere a entrada do pescador, com o produto da pesca, no espaço urbano.<sup>17</sup> O gorro de pele usado pelo pescador parece ser uma característica muito mais próxima do universo do camponês do que propriamente um objeto que ajude a definir uma cena de pesca. A atividade da pesca, neste sentido, deve ser vista como parte integrante deste universo.<sup>18</sup> A presença de equipamentos de uso corriqueiro nesta atividade, tais como a vara de pesca, contida na descrição acima, a armadilha e redes não são obrigatórios, porém, eles atuam como uma espécie de reforço para a composição da mensagem.<sup>19</sup> Deve ser observado, no entanto, que o emprego da vara de pesca e da rede caracterizam finalidades diferentes para o produto da pesca. Enquanto que no primeiro caso, a ação gira em torno do pescador, no segundo, constata-se a necessidade de uma equipe de pescadores que irão estar envolvidos em várias tarefas. Além disto, por melhor que tenha sido o resultado da pescaria com vara, a maior parte dos peixes, se não o todo, já que não serão muitos, deverá ficar restrito para o consumo do pescador e da sua família. Os peixes irão atuar, desta forma, como um importante suplemento alimentar para aquela família que os obteve. A pesca com rede, quando alcança sucesso, ultrapassa, em muito, a própria capacidade de consumo da equipe de pescadores, resultando, com isto, que uma parte significativa dos peixes será vendida no mercado.<sup>20</sup> Há elementos que podem estar ou não presentes na caracterização do pescador. Ele pode ser apresentado como imberbe ou portando barba, o seu corpo pode estar em parte ou plenamente coberto por um manto, estas situações são verificadas nas imagens acima, ou simplesmente com um pano ao redor do quadril. Há momentos, no entanto, em que ele está totalmente nu ou com um manto apoiado nos braços, porém, o restante do corpo nu.<sup>21</sup> A presença ou não da barba pode servir como um reforço das idades dos indivíduos envolvidos na cena e a utilização ou não de mantos pode caracterizar as diferentes possibilidades de vestimenta do pescador. Não deve ser perdido de vista, no entanto, que pelo menos duas das cenas envolvendo pescadores, há inscrições típicas de amantes. Em uma delas, o jovem representado está nu.<sup>22</sup>

Como tem sido observado mais acima, a pesca com redes implica um trabalho em equipe. Infelizmente, porém, não possuímos nenhuma referência nos textos antigos gregos que nos informe mais sobre esta questão. Não temos, inclusive, nenhum dado que permita identificar o *status* dos pescadores na antiguidade grega. É possível, contudo, estabelecer um interessante paralelo entre esta cena e duas passagens bastante conhecidas do Novo Testamento. Sabemos que as informações do



Novo Testamento estão intimamente ligadas a um contexto socio-cultural diferente do das *póleis* do Vº / IVº sécs. a. C. De qualquer forma, tentamos, através de um raciocínio analógico, utilizá-las no sentido de que são informações com ruído. Assim sendo, acreditamos que alguma luz possa ser lançada na tentativa de identificação do *status* social dos pescadores na Atenas clássica. A primeira passagem refere-se à uma parábola contada por Jesus.

“O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede lançada no mar, que apanha tudo de tudo. Quando está cheia, levam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas (εἰς ἄγην), mas o que não presta, deitam fora.”<sup>23</sup>

Esta parábola parece ser a descrição da própria cena contida nos fragmentos da *psycter*. Nela encontramos sete homens trabalhando entre cestos e redes. É como se eles estivessem não apenas guardando o equipamento, como também separando o que é bom em vasilhas e jogando fora aquilo que não lhes interessava. A própria parábola reforça a idéia do trabalho em equipe em torno da rede de pesca. A segunda passagem oferece uma possível definição do *status* social dos pescadores.

“Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, eles também no barco, consertando as redes. E logo os chamou. Eles, deixando o pai Zebedeu no barco com os empregados, partiram em seu seguimento.”<sup>24</sup>

Esta passagem reforça, uma vez mais, o trabalho em equipe de pescadores para preparar as redes. Uma tarefa em que estão envolvidos os membros familiares, um pai com seus dois filhos, e empregados (τῶν μισθωτῶν). O fato de o autor usar um termo aplicado a indivíduos que recebem um salário em troca do trabalho desenvolvido, pode ser um forte indício de que estes empregados, contratados como jornaleiros, fossem homens livres, porém, com um *status* muito baixo na sociedade. Esta mesma característica pode ser aplicada aos pescadores na Atenas clássica: homens livres, possivelmente cidadãos pertencentes à classe dos *tetas*, muitos, inclusive, podendo ser pequenos proprietários fundiários, cuja a renda advinda da terra não era o suficiente para mantê-los, bem como as suas próprias famílias. A Atividade da pesca deve ser vista, neste caso, tanto como um meio para complementar as suas rendas, quanto uma forma de obter um importante suplemento alimentar.

As informações relativas à pesca no mundo grego são extremamente escassas. Esta atividade deve ser analisada no interior do espaço rural da *pólis*. Trata-se de um suplemento alimentar que fazia parte da dieta diária dos atenienses, principalmente dos camponeses áticos. O aumento no consumo do peixe sinaliza a existência de crises alimentares. Com relação aos pescadores, os poucos dados disponíveis deixam transparecer que se tratam de profissionais, provavelmente, de condição livre, porém, com um *status* muito baixo na sociedade ateniense.

### **Abreviaturas Utilizadas no Artigo.**

**ARV.** BEAZLEY, J.D. *Attic Red-Figured Vases Painters*. Oxford: Clarendon Press, 2ed., 3 vols., 1963.

**ARFV- AP.** BOARDMAN, J. *Athenian Red Figure Vases — The Archaic Period*. London: Thames and Hudson, 1991.

**AVPCA.** ROBERTSON, M. *The Art of Vase Painting in Classical Athens*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

**GVASEN.** FURTWÄNGLER, A. und REICHHOLD, K. *Griechische Vasenmalerei*. 1909.

**AE.** MALAGARDIS, N. “Images du Monde Rural Attique à L’Époque Archaïque”, in: *Archaiologique Ephemeris*. 127 (1988) 95 — 134.

**CVA.** *Corpus Vasorum Antiquorum*.

**GAAC.** SPARKES, B.A. “Aspects of Onesimos”, in: BOULTER, C.G. (Ed.) *Greek Art Archaic into Classical*. Leiden: E.J. Brill, 1985.

**BMMA.** RICHTER, G.M.A. “An Athenian Cup in the Form a Cow’s Hoof”, in: *Bulletin of the Metropolitan Museum of Art*. 33 (1938) 225-26.

**KA.** HORNBOSTEL, W. et Alli. *Kunst der Antike*. Mainz-Rhein: Verlag Philipp Von Zabern, 1977.

### **Notas Bibliográficas.**

<sup>1</sup> Sobre as pesquisas relativas ao espaço rural grego, limitaremos a nossa citação as mais recentes: JAMESON, M. J., RUNNELS, C. N. e VAN ANDEL, T.H. *A Greek Countryside. The Southern Argolid From Prehistory to The Present Day*. California: Stanford University Press, 1994; BURFORD, A. *Land and Labor in the Greek World*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1993; ISAGER

, S. e SKYDSGAARD, J. E. *Ancient Greek Agriculture. An Introduction*. Routledge: London, 1992; WELLS, B. (Ed.) *Agriculture in Ancient Greece*. Stockholm: Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, Series in 4, 42, 1992; SALLARES, R. *The Ecology of the Ancient Greek World*. Duckworth: London, 1991; OSBORNE, R. *Classical Landscape with Figures. The Ancient Greek City and its Countryside*. George Philip: London, 1987; OSBORNE, R. *Demos: The Discovery of Classical Attika*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. Com relação aos limites impostos pelos textos antigos, ver: OSBORNE, R. (1987) 16-21; ALCOCK, S.E., CHERRY, J. F. e DAVIS, J. L. "Intensive Survey, Agricultural Practice and the Classical Landscape of Greece", in: MORRIS, I. (Ed.) *Classical Greece: Ancient Histories and Modern Archaeologies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p.147.

<sup>2</sup> MALAGARDIS, N. "Images du Monde Rural Attique à L'Époque Archaïque", in: *Archaiologike Ephemeris*. 127 (1988) 114-15; WEBSTER, T.B.L. *Potter and Patron in Classical Athens*. London: Methuen and Co., 1972, p. 247.

<sup>3</sup> MCPHEE, I. e TRENDALL, A. D. *Greek Red-Figured Fish-Plates*. Basel: Vereinigung der Freunde Antiker Kunst, 1987 (Suppl. 14, Antiker Kunst), 42, n.102, pl.7-c; 42, n. 93, pl.7-b; 39, n.65, pl.6-a; 36, n.33, pl. 5-a.

<sup>4</sup> Sobre o peixe se constituindo em um importante suplemento alimentar dos atenienses, ver: GALLANT, T. W. *Risk and Survival in Ancient Greece. Reconstructing the Rural Domestic Economic*. Oxford: Polity Press, 1991, pp.120-21;

<sup>5</sup> GALLANT, T. W. (1991) 120; JAMESON, M. H., RUNNELS, C. N. e VAN ANDEL, T. H. (1994) 312-13;

<sup>6</sup> ARISTÓFANES. *Os Cavaleiros*. 642-50.

<sup>7</sup> XENOFONTE. *As Helênicas*. 2.3.24.

<sup>8</sup> Com relação à sardinha (τριχίδος ou ἀφύας), ver: *Os Acarnenses* 551, 901-902; *Os Cavaleiros* 645, 666, 672, 678; *As Vespas* 496; *As Aves* 76-77. Sobre um tipo menor de sardinha (μεμβράξι), ver: *As Vespas* 493-94. Com relação às enguias (εγγέλεις), ver: *Os Acarnenses* 880, 882, 889; *Os Cavaleiros* 864-66. Sobre o consumo de lula (σίζον), ver: *Os Cavaleiros* 930. Com relação à cavala, ver: *Os Cavaleiros* 1008. Sobre os peixes em conserva (τέμαχος), ver: *Os Cavaleiros* 283, 1177 e *As Vespas* 491. Quanto à presença de conchas e mariscos, ver: GALLANT, T. W. (1991) 120; VAN ANDEL, T. H. e RUNNELS, C. N. *Beyond the Acropolis. A Rural Greek Past*. California: Stanford University Press, 1987, pp. 18, 51, 54-56, 61, 67, 73; JAMESON, M. H., RUNNELS, C. N. e VAN ANDEL, T. H. (1994) 334, 340.

<sup>9</sup> PLATÃO. *A República*. 373d.. Sobre a questão da atividade do pescador encontramos em MACDOWELL, D. M. *The Law in Classical Athens*, New York: Thames and Hudson, 1978, p. 157, a seguinte referência: "Os inspetores de mercados

(ἀγοράνομοι) eram responsáveis, entre outras funções, de impedir que os peixeiros salpicassem água sobre os peixes de modo a fazê-los parecer mais frescos do que eram. Pode ter havido alguma regulamentação em relação aos preços dos peixes. Um escoliasta fala que os preços dos peixes, incluindo as enguias, eram fixados por lei. “Podemos, ainda, destacar dois epigramas fúnebres tais como: nº 505 Para um pescador. Sobre a tumba do pescador Pelagon, seu pai Menisco deixou uma rede e um remo, como lembrança de sua pobre vida. (Safo). nº 507 Para um pescador semi devorado por um cetáceo. Eu tenho por sepultura a terra e o mar. Este privilégio, Tharsis, filho de Charmide, o deve às *moiras* [...] (Leonidas). In: *Anthologie Grecque. Épigramme Funéraires et Épigrammes Descriptives*. Tome Deuxième. Traduction Maurice Rat. Paris: Garnier, s.d.

<sup>10</sup> PLATÃO. *As Leis*. 823d-e.

<sup>11</sup> IBIDEM. 824a-b.

<sup>12</sup> IBIDEM. 823c, 824b.

<sup>13</sup> Sobre os pintores estarem localizados no espaço urbano, ver: SARIAN, H. Poiëin-Gráphein: “O Estatuto Social do Artesão-Artista de Vasos Áticos”, in: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnografia*. 3 (1993) 105-106; WILLIAMS, D. *Women on the Athenian Vases: Problems of Interpretation*, in: CAMERON, A. e KUHRT, A. (Orgs.). *Images of Women in Antiquity*. London & Sidney: Croom Helm, 1984, p.97.

<sup>14</sup> SCHNAPP, A. *La Duplicité du Chasseur. Comportement Juvénile et Pratique Cynegetique en Grèce Ancienne aux Époques Archaïque et Classique*. Paris: EHESS, 1987, p.17. (Tese de doutorado não publicada)

<sup>15</sup> Por uma questão de espaço e de custo de impressão, publicaremos somente um vaso, o qual apresenta duas cenas de pesca. Para os demais vasos áticos de figuras vermelhas, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 173, 9; Beazley, J.D. *ARV* (1963) 329, 131; *CVA*. Roma, Museo Nazionale di Villa Giulia, fasc. 2. Itália, fasc.2, s/d (tav.33); BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 105, 7; MALAGARDIS, N. *AE* (1988) 115, fig.7.

<sup>16</sup> Sobre a presença do cesto, ver: BEAZLEY *ARV* (1963) 173, 9; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 105, 7; MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. Ver também: ARISTÓFANES, *Os Cavaleiros*. 650 e *Os Pássaros* 77, onde é mencionado um tipo de tigela τρύβλιον usada para transportar peixe; OSBORNE, R. (1987) 117, fala sobre a existência de um prédio muito próximo do centro de Corinto, onde o peixe era armazenado em ânforas. Com relação à presença da vara usada no transporte dos cestos, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 105, 7.

<sup>17</sup> Sobre a presença de uma pedra ajudando a compor a cena de pesca, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 173, 9. A presença do solo rochoso pode também

servir para reforçar uma ambientação litorânea. Para esta questão, ver: CVA. Roma, Museo Nazionale di Villa Giulia, fasc. 2. Itália, fasc. 2, s/data, tav. 33.

<sup>18</sup> Para a presença do gorro de pele em cenas de pesca, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131. Quanto a este elemento fazer parte do universo do camponês, ver: SPARKES, B.A. *GAAC* (1985) pp. 18-39, plates 26 e 27; HORNBOSTEL, W. et Alli. *KA* (1977) n. 263; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 286, 14; RICHTER, G.M.A. *BMMA* 33 (1938) 225-26; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 564, 27.

<sup>19</sup> Sobre a utilização da vara de pesca e da armadilha, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 173, 9; quanto ao emprego de rede na pesca, ver: MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. Com relação ao uso das armadilhas durante as pescarias, ver as críticas de Platão na nota 10.

<sup>20</sup> Não há exemplos advindos dos textos antigos gregos que mencionem os resultados da pesca com redes. É possível preencher este silêncio com uma interessante passagem do Novo Testamento, onde se constata a previsibilidade de fracassos na pesca com redes, ver: JOÃO 21, 3 - 6. Sobre a migração de peixes, resultando em fracassos nas expedições de pescadores em alto-mar, ver nota 5.

<sup>21</sup> Sobre os pescadores imberbes, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 173, 9; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6; MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. Com relação aos pescadores barbados, ver: CVA. Roma, Museo Nazionale di Villa Giulia, fasc. 2. Itália, fasc. 2, s/data, tav. 33; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 105, 7; MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. Sobre o uso do manto envolvendo o corpo, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131; CVA. Roma, Museo Nazionale di Villa Giulia, fasc. 2. Itália, fasc. 2, s/data, tav. 33; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 105, 7. Somente com um pano em torno do quadril, ver: MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. O pescador com o corpo nu, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 173, 9; BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6; MALAGARDIS, N. *AE* 127 (1988) 115, fig. 4. Encontre-se, no Novo Testamento, um interessante exemplo que reforça o hábito de pescadores estarem nus no momento da pesca, ver: JOÃO. 21, 7.

<sup>22</sup> Sobre as inscrições, ver: BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 329, 131 e BEAZLEY, J.D. *ARV* (1963) 110, 6.

<sup>23</sup> MATEUS. 13, 47-48.

<sup>24</sup> MARCOS. 1, 19-20.